Negritude futebol clube: pretos, brancos e cinzas

Aira Fernandes Bonfim¹

Negritude football
club: black, white
and gray

¹Mestranda do Programa de História, Bens Culturais e Política na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro e pesquisadora do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) do Museu do Futebol (MF-SP). E-mail: acesseaira@gmail.com.

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74230>

Resumo:

A partir da história da equipe de futebol amador Negritude Futebol Clube, time que teve origem na passagem da década de 1970 para 1980 na região de Arthur Alvim em São Paulo, o trabalho observará nessa prática esportiva um potente caso de associativismo comunitário emergente no final dos anos 1970, que inclui os discursos e práticas do movimento negro daquele período, até reflexões atuais. Através de um conjunto complexo de relações sociais, essa experiência de futebol se mostrará responsável pela geração de pertencimento e de senso de comunidade, contrariando a ideia de que esse esporte é, contudo, uma prática alienante. O texto é resultado da análise da coleta de dados produzidos desde 2011 (entrevistas, fotos e relatos de campo) e que referenciaram a memória e prática desse time no Museu do Futebol, em São Paulo.

Palavras-chave: associativismo; futebol; movimento negro.

Abstract:

From the history of the amateur soccer team Negritude Futebol Clube, originated in the transition of the 1970s to the 1980s in the region of Arthur Alvim in São Paulo, this work will observe in this sports practice a powerful case of emerging community associativism at the end of 1970s, which includes the discourses and practices of the black movement of that period, up to current reflections. Through a complex set of social relations, this football experience will be responsible for the generation of belonging and a sense of community, contradicting the idea that this sport is, however, an alienating practice. The text is the result of the analysis of data collection produced since 2011 (interviews, photos and field reports) and that referenced the memory and practice of this team at the Football Museum in São Paulo.

Keywords: associativism; football; black movement.

Esse artigo escolheu como ponto de partida um time de futebol para desenvolver o que a autora acredita ser um nó articulador, e, dessa forma, um estudo de caso, de experiências associativistas protagonizadas pelos primeiros moradores de Arthur Alvim, bairro da zona leste de São Paulo, engajadas por um time de futebol amador. O bairro vizinho a Itaquera, sofreu consideráveis transformações ao longo das últimas décadas, motivadas, principalmente, pelo crescimento da metrópole e pela consequente especulação imobiliária. Porém, nenhuma mudança é comparável à construção de um dos primeiros grandes conjuntos habitacionais da cidade, a COHAB1, que reuniu, à época, cerca de 75 mil novos habitantes para a região. Um momento fundamental para se compreender a formação do time escolhido para ensejar esse artigo, e, dessa forma, observar como o associativismo se tornou um traço marcante desse clube.

Eventos mais recentes, a exemplo das expectativas e promessas advindas da construção do Estádio de Itaquera, campo do Sport Club Corinthians Paulista e local preparado para receber a abertura da Copa do Mundo FIFA em 2014, também serão fatores mobilizadores de pertencimento e investimento públicos nos espaços de atuação dessa equipe esportiva varzeana. Vale ressaltar a partir da referência de Rial (2016, p.6) que a depender do contexto, “todas as performances futebolísticas, mesmo as amadoras, se constituem-se num espetáculo” e no caso do futebol de várzea, essa prática, assim como seus campos, clubes e campeonatos concentram-se nas periferias paulistanas, tornando-se assim a várzea de hoje, um espaço relacional essencialmente periférico. Ressalta-se, ainda, que os estudos sobre futebol propiciam um interessante ponto de observação e avaliação sobre o processo de edificação da pluralidade de práticas esportivas no contexto brasileiro a partir do impacto da organização dos de um dos principais eventos esportivos mundiais, a Copa.

O texto atravessa os episódios históricos supracitados fazendo uso das narrativas que constituem as memórias do *Negritude Futebol Clube*, time originado na passagem da década de 1970 para 1980 na região de Arthur Alvim e mantido pelos novos habitantes desse bairro em crescimento. O clube ganhou notoriedade no cenário do futebol amador e levou o nome de sua comunidade, a COHAB I, assim como a luta negra registrada no seu próprio nome, por todo estado de São Paulo ao longo dos seus mais de 37 anos de existência. O caso se mostra como um fenômeno associativo que se articula com tantos outros que se desenvolveram e que continuam a existir nas áreas periféricas da cidade de SP. Nessa medida, ao contrário de uma visão do esporte como prática alienante, desprovida de perspectiva política, a agremiação da COHAB I evidencia a inserção da atividade atlética num complexo sistema de formas de articulação comunitária que se influenciam mutuamente.

Com o propósito de questionar a ideia hegemônica de que o futebol só é “coisa pra macho”, que visa naturalizar o homem cis, heterossexual, como o legítimo participante e interlocutor desse esporte, a proposta deste artigo é resgatar a história do Negritude F.C. através dos depoimentos recolhidos ao longo dos últimos seis anos pela única liderança mulher que compõe, desde a fundação, a diretoria da entidade, com uma gestão como

presidente da agremiação durante os anos de 2012-2014. Maria Cristina Costa Vallim, a Cris, é uma escolha que se faz oportuna dada a ausência de fontes sobre futebol produzidas e protagonizadas por mulheres no Brasil. A elaboração da narrativa sobre esse esporte, ao longo de décadas, relegou às mulheres um papel marginal ou, simplesmente, não considerou a sua presença nesse ambiente. Contudo, essa interpretação não significa, obrigatoriamente, a ausência de mulheres na construção da história do futebol, seja ele amador ou profissional.

Os parágrafos a seguir apresentam trechos de relatos etnográficos organizados pelo trabalho de pesquisa do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), setor do Museu do Futebol, cujos procedimentos, bem como do seu modelo de escrita e, principalmente, o tipo de conhecimento produzido a partir dessas ferramentas, têm inspiração direta no fazer antropológico, enfocando principalmente a metodologia de coleta de dados e o registro de referências de memória e prática do futebol tanto na cidade, como nacionalmente.

Figura 1 - Campo de futebol do Clube Desportivo da Comunidade Alvorada.

Fonte: Crédito Continue Curioso

No período de enfraquecimento do regime autoritário no Brasil, mais precisamente no dia 10 de outubro de 1980, era fundada a equipe de futebol amador Negritude Futebol Clube em São Paulo. A iniciativa nasceu de cinco jovens, entre 18 e 19 anos, que haviam acabado de se mudar para o recém-inaugurado conjunto habitacional Padre José de Anchieta, mais conhecido como COHAB¹, localizado no bairro de Arthur Alvim. O período e a

¹ COHAB é a abreviatura de Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo, empresa pública criada em 1965 para gerir projetos de habitação e moradia no município de São Paulo. Desde sua fundação em 1965 até o ano de 1999, a companhia construiu 55 conjuntos habitacionais, totalizando 130.574 unidades habitacionais para atender uma população estimada em mais de 650 mil pessoas na cidade de São Paulo e na região metropolitana (CASTILHO, 2015, p. 3).

região ficaram marcados pela constituição de grupos populosos de novos moradores nos grandes conjuntos habitacionais construídos na periferia paulistana. Entre 1978 e 1979 foram inaugurados a COHAB I-A (Padre José de Anchieta), COHAB I-B (Padre Manoel da Nóbrega) e COHAB I-C (Padre Manoel de Paiva), todos na zona leste da cidade.

Figura 1 - Primeiros integrantes do Negritude F.C. na COHAB 1 em 1982.

Fonte: Autora

Em um cenário ainda árido e carente de comércio e espaços de lazer, os depoimentos revelam que o único ponto de ônibus do bairro se tornou um local privilegiado de encontro entre os novos moradores, inclusive entre os jovens entusiastas do futebol. O quinteto formado espontaneamente numa fila de espera por quadra de futsal por José Roberto, Douglas, Aguinaldo, Osvaldo e Álvaro, permitiu a reunião e formação inicial da equipe batizada de Negritude F.C.. Ainda praticantes de modalidade de futebol de poucos participantes, o time começou a participar em 1980 dos campeonatos de futebol de salão chamados de “inter-cohabs” e, pouco tempo depois, já com novos integrantes e em um campo de terra, sagraram-se campeões da 1ª Copa Cohab, realizada no mesmo ano. Cada oportunidade de encontro proporcionada pelos jogos se mostrava como uma forma privilegiada de integração entre os novos moradores, suas famílias, e principalmente, seus torcedores em formação.

O contexto vivido pelo país no final da década de 1970 alterou de maneira significativa o quadro de coletividades excluídas da esfera de participação política, ao mesmo tempo em que forçou a reorganização do movimento de trabalhadores e a criação de

associações e agrupamentos de pessoas que buscavam não só subsídios para o encontro de caminhos mais democráticos, mas soluções para as demandas sociais locais, resgatando, dentro das possibilidades desse sistema de poderes, o exercício do papel e do protagonismo como atores políticos no Brasil. Tal constatação pode ser observada pelo sociólogo Raul Boschi no livro *A Arte da Associação* (1987), no qual enseja sobre a inédita generalização de coletividades emergentes em torno de valores democráticos desse momento. A busca de alternativas para a organização coletiva por meio das associações pode ser notada na elaboração e participação popular nos temas relacionados ao crescimento das cidades, no engajamento das lutas rurais, na formação e atuação das universidades públicas e privadas, assim como nas demandas temáticas dos movimentos em ascensão no período como o negro, indígena, feministas e LGBTs, só para citar alguns.

Segundo a depoente Cristina, as vitórias inesperadas do time de Arthur Alvim conquistaram visibilidade e prestígio entre os moradores da região e dos bairros por onde esse futebol se deslocava. Como todo time de futebol que se preze, sua fundação se constituiu a partir da elaboração e escolha de um nome, assim como na definição e consenso das cores e símbolos que a equipe carregaria para os desafios e campeonatos futuros. Dentro de um esforço de elaborar a imagem de um país que se modernizava e sustentava um ideário de democracia racial, aquele grupo de jovens adolescentes - e naquela altura, a inclusão de outros adeptos e torcedores - tornavam público o desejo de constituírem-se de uma equipe de identidade de luta negra, na denúncia do mito da democracia racial, baseada na perspectiva de enfrentamento dos grupos afro estadunidenses como os Black Powers e os Panteras Negras.

Cunhado por Moscovici a partir do conceito de representações coletivas de Durkheim. O conceito de representações sociais para o autor se mostra dessa maneira:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (MOSCOVI, 2012, p. 21)

Para o mesmo autor as representações sociais se ligam à identidade, como se pode ver no trecho a seguir:

(...) as representações sociais emergem não apenas como um modo de compreender um objeto particular mas também como uma forma em que o sujeito (indivíduo ou grupo) adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico (...). (MOSCOVICI, 2012, p. 20-21).

De cores preta, branca e cinza, o fardamento do Negritude F.C. já em 1980 passou a carregar no peito o brasão com o desenho de um homem negro de cabelo black power, desenho e estética amplamente difundido entre os moradores das COHABs e torcedores da equipe da época. Sob alegação das entidades esportivas responsáveis de que o nome original poderia ocasionar “problemas raciais”, o time utilizou *Alvinegro Futebol Clube* até o ano de 1986², pois com o encerramento da ditadura militar no Brasil (1964–1985) a Secretária Municipal de Esportes, Lazer e Recreação da cidade de São Paulo (SEME) e a Federação Paulista de Futebol (FPF) finalmente permitiram o registro e a participação da equipe em campeonatos de maior expressão com o nome original. Com transmissão na Rede Record de Televisão nas manhãs dos domingos, o Negritude F.C. alcançou popularidade quando participou do campeonato Desafio ao Galo³ em 1986, e conquistou o 3o lugar entre os melhores varzeanos de São Paulo, com cinco vitórias. Também logrou como vice-campeão da Copa Black Power de 1989, campeonato vigente desde 1987 e organizado pelo time de mesmo nome fundado no bairro do Ipiranga. Era uma agremiação de futebol que passou a gerar identificação por onde passava.

A partir do pressuposto que a identidade é construída historicamente em meio a uma série de mediações que diferem de cultura para cultura, no Brasil, o cabelo e a cor da pele se tornaram referenciais de classificação e apontamento de quem é negro. Dessa forma, essa dupla, presente na concepção do desenho ostentado pelo brasão do time de futebol, carrega a marca identitária negra, que por vezes é interpretada como força, e por vezes, fora desse exemplo, é vivida como estigma de inferioridade. Sobre a inferioridade, Elias e Scotson (2000, p. 23) sinalizam que só pode estigmatizar o outro com eficácia quando se está bem instalado em posições de poder, das quais o grupo estigmatizado é excluído:

Afixar o rótulo de ‘valor humano inferior’ a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 24).

² Mesmo ano em que o grupo de pagode Negritude Júnior é formado na COHAB V de Carapicuíba, e que anos mais tarde, vai exigir exclusividade de uso do nome registrado ao time Negritude F.C. e perderá na justiça.

³ O Desafio ao Galo foi um dos mais importantes campeonatos de várzea promovidos nos anos de 1980. Além de organizá-lo, a Rede Record de Televisão transmitia ao vivo as partidas nas manhãs de sábado e domingo. Os jogos, disputados por times de bairros e de empresas, aconteciam no campo do CMTC Clube, na Avenida Cruzeiro do Sul, Zona Norte da cidade de São Paulo.

Figura 3 - Primeira camisa da equipe de futebol do Negritude F.C.

Fonte: Continue Curioso.

Sobre o registro do nome “Negritude F.C.” vale a pena rememorar que em um artigo publicado no Diário de Pernambuco em 1980 Gilberto Freyre reagiu à tese da negritude dizendo que ela representa uma entrada dos norte-americanos e da sua visão de raça no Brasil com o objetivo de substituir a “felicidade fraternal do samba” por canções de melancolia e revolta (Freyre, 1980) contrariando a ideia do elemento democratizante na integração racial defendida pelo autor em 1933 - segundo ele, a marca característica e as virtudes da população brasileira decorriam precisamente da mistura biológica e cultural, única e exitosa, de negros, brancos e indígenas.

A formação da equipe de futebol remonta à fundação do Movimento Negro Unificado⁴ (MNU), que tem uma proposta política clara de construir a solidariedade e a identidade dos excluídos pelo racismo à brasileira. O surgimento do MNU coincide com o fortalecimento da ampla frente social por democracia que incluía setores tão diversos da sociedade, quanto as correntes progressistas da igreja católica, o chamado sindicalismo autêntico e todos aqueles atores que, em seu conjunto, passam a denominar a si próprios de sociedade civil (Costa, 1997). A escolha do nome “Negritude” e o reconhecimento étnico-racial são observações valiosas em um contexto em que a maioria da população brasileira se identificava abstratamente com uma cor distante de sua identidade negra. Mais do que o

⁴ Movimento Negro Unificado (MNU) é uma organização pioneira na luta do Povo Negro no Brasil. Fundada no dia 18 de junho de 1978, e lançada publicamente no dia 7 de julho, deste mesmo ano, em evento nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo durante o regime militar.

grupo de jogadores, associados e torcedores que se valorizavam como negros, a equipe divulgava tal identidade em rede nacional de televisão e através das camisas usadas por seus entusiastas. Nesse sentido, Boschi (1987) abordar o fenômeno associativo sob condições políticas repressivas no Brasil, enfatiza as formas urbanas de reorganização. As experiências associativas e os movimentos sociais nesse contexto se tornaram meios de expressão coletiva para concretizar metas políticas fora dos canais oficiais do Estado. Constituem, nos projetos e processos, inclusive nos esportivos, perspectivas de emancipação e libertação do ser humano, entendidas como transformação social e cultural.

O historiador Amílcar Araújo Pereira (2013) ao analisar aspectos da história do movimento negro no Brasil contemporâneo, resgata nesses grupos o combate à discriminação racial e a denúncia do mito da democracia racial num contexto da busca de uma identidade negra positivada. O MNU combaterá à chamada ideologia da democracia racial uma de suas principais frentes de luta, visto que aos olhos do Movimento, a igualdade formal entre negros e brancos e a difusão do mito de que a sociedade brasileira não é racista teria funcionado historicamente como “bálsamo e véu” que encobria a desigualdade real de chances sociais. A equipe do Negritude F.C., assim como tantos outros grupos que compuseram o movimento negro brasileiro da década de 1970, serão oriundos do que o autor chama de “centros de luta”, ou seja, articulações para a luta política “em todos os lugares onde o negro vive” (PEREIRA, 2013, p.226). O impedimento legal de registro do nome “negro” do clube de futebol por 6 anos coloca-o lado a lado das organizações negras do período que também sofreram tais restrições, ou em alguns casos, até perseguições. O Decreto-Lei n.510, de 20 de março de 1969, em seu artigo 33• proibia qualquer evento ou publicação relacionado à questão racial, justificado pelo regime militar vigente na época como algo que pudesse incitar o ódio ou a discriminação racial entre os cidadãos do Brasil.

Por outro lado, é curioso analisar que já no período de redemocratização, com o afrouxamento de algumas posturas censoras, a equipe mimetizou no uniforme novas representações de seus sócios. Nos últimos anos o brasão do time se modificou de modo que o rosto do personagem clareou a pele e o corte de cabelo ficou mais discreto e sem o black power. Por mais que a agremiação mobilize o movimento de Cultura Black, observado na natureza de encontros propiciados em sua sede, a COHAB 1 não é apenas um conjunto populacional de fenótipo negro, algo como um indicador de aliança baseada na cor da pele ou mesmo no reconhecimento de pessoas negras. O bairro cresceu nas últimas décadas e com ele a gama diversa e complexa de atores que continuam se reconhecendo com o time, ou seja, como Negritude F.C.. Apesar dessa diversidade, observada inclusive na diminuição de pessoas negras que jogaram e representaram a equipe nas diferentes categorias nesses últimos anos, novos personagens da luta negra foram inseridos nos fardamentos usados pelos jogadores e torcidas, dentre eles, destaque para Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares e o presidente da África do Sul, Nelson Mandela, escolhas ainda carregadas de significados e representações no movimento negro. No contexto histórico e político brasileiro, as diferenças étnico-raciais foram naturalizadas, desnudadas da sua riqueza e transformadas em desigualdade. Essa equipe de futebol, nas sutilezas de sua constituição

identitária ao longo dos últimos anos, reencontra e dá visibilidade às referências do protagonismo e identidade negra nas suas escolhas.

O esporte, e mais precisamente o futebol, é um lugar privilegiado para o estudo da construção e reprodução de modelos hegemônicos na sociedade. Para Costa (2005), através do futebol é possível identificar formas de comportamentos, recortes do pensamento sobre o homem e o lugar que este ocupa no mundo - ou não -, podendo ser visto como um universo povoado de valores diversos, manifestados na sua natureza simbólica e seus significados. Tais práticas são constitutivas não apenas da vida cotidiana de um país, mas de referências identitárias de sua cultura e sua população. Cristina, assistente social judiciária no Fórum Regional de Itaquera e irmã de Agnaldo Costa Vallim, um dos fundadores do clube, desempenhou por anos a função de conselheira fiscal e a diretoria social do time. Cris descreve com clareza no depoimento registrado em 2014 algumas formas de associações e apropriações políticas realizadas em torno do time ao longo dos últimos anos:

“Ele se candidatou a deputado estadual e recebeu apoio porque já era membro da comunidade e parceiro do Negritude. Simão⁵ foi eleito e recebeu apoio para a reeleição: ele ajudou na indicação de convênios com a Secretaria de Esportes e dessa forma a relação com os votos nunca foi uma relação de obrigação, foi um compromisso de parceria” (Cristina Vallim, 2013)

Em meio à complexidade das relações observadas no relato de Cristina, é possível observar a ação desses dirigentes e associados como atores políticos participativos do processo de urbanização da cidade de São Paulo. O historiador José Murilo de Carvalho ao conceituar as relações clientelismo em *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual* (1997), caracteriza o termo como o tipo de relação entre atores políticos que envolve concessão de benefícios públicos bilateralmente, levando em conta os recursos controlados pelos atores, podendo estes variar ao longo do tempo. Tal conceito pode ser visto em prática quando observado o assédio e aproximação de políticos nos espaços dedicados e organizados para receber o público numeroso do futebol amador paulistano. Assim como outros associativismos, aquele gerado a partir do futebol também se depara com relações de tipo clientelista, mobilizando uma pauta própria em suas negociações. Cristina comenta no trecho da entrevista:

“Inclusive já apoiamos outro político para além do Simão, o Toninho Paiva no caso. Nós apoiamos ele na última reeleição inclusive porque justamente ele tinha a proposta de estar trazendo o sintético através da emenda (parlamentar) e isso para nós era importante porque era um desejo da comunidade e ia beneficiar o campo. A gente definiu o seguinte: ele vai

⁵Simão Pedro é ex-morador da COHAB I e militante político da região de Artur Alvim filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Elegeu-se deputado estadual em 1993 e passou a atuar no Legislativo em prol de alguns projetos esportivos. Sua frente de atuação política caracterizou-se pela defesa do futebol amador por meio do incentivo às associações esportivas.

trazer uma melhoria para a comunidade, a gente como membros da comunidade, comprometidos com o bem-estar da comunidade, temos que apoiá-lo porque é o único que está se propondo a isso neste momento. Não aconteceu. A gente não se arrepende de ter feito isso com o propósito de melhoria. Quer dizer, a luta continua. “ (Cristina Vallim, 2013)

As relações clientelistas no caso do clube podem ser entendidas como um processo não apenas de exploração dos subalternos, mas como uma via de mão dupla, na qual eles conseguem benefícios, ainda que numa realidade assimétrica. Em 2011, o relato de campo produzido pela pesquisadora já sinalizava a presença e o apoio do time ao político Simão Pedro (PT), uma vez que no entorno do campo era possível notar faixa de apoio a sua candidatura, seu nome era citado nas conversas e sua presença notada nos eventos esportivos. Durante a final da 13ª Copa Negritude de Futebol Amador realizada em 18 de dezembro de 2011, Simão foi acompanhado do futuro candidato e prefeito de São Paulo, Fernando Haddad⁶ (PT), ainda desconhecido da população e da própria pesquisadora, que espontaneamente acabou flagrando-o nos registros fotográficos e reconhecendo-o meses mais tarde nessa documentação. Segundo Cristina, Simão teria sido responsável também pela vinda do deputado Vicente Cândido⁷ (PT) relator da Copa do Mundo 2014, assim como de outros políticos como Dalton Silvano⁸ (DEM), responsável pela colocação de inúmeros

campos de futebol sintéticos na Zona Sul da cidade.

⁶ Na época Fernando Haddad era ministro da Educação do governo Dilma Rousseff. Ele esteve à frente deste ministério de julho de 2005 e janeiro de 2012, participando dos dois governos petistas.

⁷ O político ficou conhecido anos mais tarde pelo relatório sobre o projeto da Lei Geral da Copa que propunha alterações no Estatuto do Torcedor para liberar o comércio de bebidas em todos os jogos, por exemplo.

⁸ Dalton Silvano é vereador na cidade de São Paulo desde 1996. Tem sua atuação marcada principalmente na região onde cresceu: Cambuci, Aclimação, Vila Mariana, Paraíso e Ipiranga.

Dessa forma, o campo de futebol e o clube, com a carga associativista apresentada nos parágrafos anteriores, se apresenta como espaço privilegiado para a negociação de interesses, sejam eles coletivos como individualistas, uma vez que se apresentam como cenários políticos pautados por múltiplas articulações e marcados pela presença de diversos atores sociais. Sem julgar aqui as propostas e intenções dos atores políticos mencionados, vale ressaltar as diferentes esferas de representação - municipal, estadual e federal - encontradas nesse evento esportivo. A observação da campanha eleitoral para a Prefeitura de São Paulo (2012) revelou um cenário político-esportivo complexo e heterogêneo, também pautado por múltiplas articulações e mediações, e que elabora e confere significados diversos à construção de um conceito político de esporte. O depoimento de Cristina de 2011 ressalta a expectativa de público que até 3 mil pessoas visitassem a Copa Negritude, contudo, nessa ocasião o número não ultrapassou mil ⁹ pessoas. Em outras palavras, a Final do campeonato se mostrou um lugar seguro e propício de especulação de projetos políticos e partidários naquele cenário populoso. A iniciativa informal que reuniu um grupo de organizações e pessoas com o objetivo de superar dificuldades e gerar benefícios econômicos sociais, culturais ou políticos, caracteriza a proposição associativista em torno desse campo de futebol. As mediações entre agentes políticos vinculados a diferentes setores do poder público demonstraram o importante papel ocupado pelo Negritude F.C. na região.

No ensejo da crítica alavancada pelo sociólogo Bruno Briguel no texto *Com, contra e para além de Charles Tilly*, no qual traz luz a um período em que as linhas de pesquisa em que os movimentos sociais eram analisados fundamentalmente em função de suas relações com o Estado e o sistema político, o estudo de caso do Negritude F.C. se faz oportuno dada a natureza da ocupação original desse grupo: o esporte e o lazer. O espaço de atuação e articulação do time é pouco estático e previsível. A partir das narrativas sobre a história desse clube de futebol amador é possível observar o alcance que essa projeção identitária proporcionou, não só no bairro de Arthur Alvim, ainda em crescimento na zona leste de São Paulo, mas na notoriedade reconhecida através de torcedores e equipes de outras regiões que consideram o evento e a agremiação além de respeitáveis, um time com história na várzea.

Apresenta-se, desde a década de 1960, uma tendência para o uso do esporte enquanto direito social, o que viria a ser institucionalizado a partir da Constituição de 1988. Os mais diversos movimentos sociais estiveram representados na constituinte e lograram, de alguma maneira, que o novo texto constitucional contemplasse suas demandas. Nesse mesmo ano, por exemplo, foi fundada a Fundação Palmares, o primeiro órgão no âmbito federal especializado no atendimento de demandas específicas da população afro-descendente. Posteriormente, tanto na lei federal nº 8672 de 1993 (conhecida como Lei Zico), quanto na lei federal nº 9615 de 1998 (conhecida como Lei Pelé), o esporte como

⁹ O baixo número de torcedores foi justificada pela ausência de finalistas da região. Na ocasião, dois times da zona norte (bairros do Jaçanã e Vila Maria) disputavam a taça da Copa Negritude.

prática educativa estaria presente (Deccache-Maia, 2003), nesse meio tempo, em 1995, houve a criação do Grupo de Trabalho Interministerial População Negra, sob a coordenação do militante Hélio Santos. O Negritude F.C. também permaneceu por todos esses anos responsável e participativo das lutas e projetos que visam a melhoria da praça esportiva ocupada pelos campos e pela população moradora da COHAB 1. A entidade foi ao longo dessas décadas uma das associações que assumiu por algumas gestões a administração do Clube Desportivo da Comunidade Alvorada (CDC) e do projeto Clube Escola¹⁰. O projeto de CDC, antigos Clubes Desportivos Municipais (CDMs), criados ao longo da década de 1970, são unidades descentralizadas do município de São Paulo, de administração indireta. É uma experiência de gestão compartilhada de um espaço público de lazer com pelo menos duas entidades civis sem fins lucrativos e regularmente constituídas com o objetivo primordial de desenvolver atividade desportiva. Além da manutenção e melhoria dos dois campos de futebol, vestiários, arquibancada e espaços do entorno, em parceria com a Escolinha de Futebol da COHAB (ESFUCO) - entidade com quem também dividem o local - foi possível durante anos oferecer aulas de futebol de campo para um número considerável de categoria de base¹¹ sem custo algum para a comunidade, resultados que interessam as autoridades responsáveis pela cessão do local, como a Secretaria de Esportes.

O Negritude F.C. se mostra atravessado por questões de um associativismo comunitário emergente no final dos anos 1970, que inclui os discursos e práticas do movimento negro daquele período e das novidades que essa luta social vivenciou nos anos posteriores. Segundo Cristina, o atual desafio do time está em engajar a comunidade local nas atividades e decisões do campo uma vez que a maioria dos fundadores do time já não moram mais no bairro. Somente em 2003 foi possível construir uma sede social no local do terreno da COHAB apta para receber as reuniões e atividades do clube, mas principalmente atividades desconexas do futebol e atender, dessa maneira, atividades propostas pela própria comunidade local como festas, churrascos, aulas de dança, rádio comunitária e para confraternizações particulares.

Na ausência de atuação do poder público, principalmente no filtro e atenção das necessidades locais, o time de futebol do Negritude F.C. se faz atuante e propositivo no bairro. Ao considerarmos a importância da produção e difusão de conhecimentos, no que tange à preservação da memória do esporte e do lazer, as fontes produzidas pela pesquisa de campo mostram uma série de vestígios relevantes na identificação de associativismos num conjunto complexo de relações sociais. Essa experiência de futebol se fez responsável pela

¹⁰ O Clube Escola é um programa municipal voltado ao oferecimento de atividades esportivas, recreativas e de lazer para aqueles em idade escolar, realizado a partir da articulação entre a Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME), Secretaria Municipal de Educação (SME), Secretaria Municipal de Saúde (SMS), Secretaria Especial para Participação e Parceria (SEPP), Secretaria de Coordenação das Subprefeituras (SMSP), dentre outras.

¹¹ Na pesquisa realizada em 2011, competiam a Copa Negritude as categorias Sub 12-Mirim, Sub 14-Infantil e Sub 16-Juvenil. Também havia os veteranos da bola na categoria Máster, e a mais competitiva de todas: a categoria Esporte. O campeonato oferece até os dias de hoje uma abrangência etária considerável na sua competição, e mais recentemente, de representatividade de zonas e bairros longínquos da zona leste.

geração de pertencimento e de senso de comunidade, contrariando a ideia de que esse esporte é, contudo, uma prática alienante, ou mesmo, o ópio do povo. De fardamento preto, branco e cinza, a equipe de futebol do Negritude, seus dirigentes, associados, torcedores e entusiastas constituem suas próprias trajetórias, e, conseqüentemente, dos conflitos em torno da conquista de direitos políticos e sociais. Perpetuam o futebol de várzea numa metrópole como São Paulo, e ainda proporcionam experiências políticas e engajadoras.

Artigo recebido em 10 mar. 2018

Aprovado para publicação em 15 mai. 2018

Referências

BRINGEL, Breno. “Com, contra e para além de Charles Tilly: mudanças teóricas no estudo das ações coletivas e dos movimentos sociais”. *Revista Sociologia & Antropologia* (UFRJ), v.2, n.3. 2012.

BONFIM, Aira. *Relato de campo Negritude Futebol Clube*. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro do Museu do Futebol, 2012. 8 p. Disponível: <<http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/download/542658>>. Acesso em 02 dez. 2017.

BONFIM, Aira. *Relato de campo 13ª Copa Negritude de Futebol Amador*. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro do Museu do Futebol, 2011. 6 p. Disponível: <<http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/download/542658>>. Acesso em 02 dez. 2017.

BONFIM, Aira. *Relato de campo 13ª Copa Negritude de Futebol Amador*. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro do Museu do Futebol, 2011. 4 p. Disponível: <<http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/download/498493>>. Acesso em 02 dez. 2017.

CASTILHO, Edmilson Peres. *A Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (Cohab-SP): o principal agente da política de habitação popular da ditadura militar brasileira (1964-*

1985). XXVII Simpósio Nacional de História: Lugares dos Historiadores Velhos e Novos Desafios. 2005. Florianópolis, SC.

COSTA, Antônio da Silva. "Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade." In LOVISARO, Martha e NEVES, Leczy Consuelo Neves (organizadores). *Futebol e sociedade um olhar transdisciplinar* – Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005.

DECCACCHE-MAIA, Eline. *Esporte e políticas públicas na virada do milênio: o caso de Niterói*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.

DOIMO, A. M. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala*. S. Paulo, R. Janeiro, Record, 36a. ed. (1999, orig. 1933).

_____. "Que Negritude?" Diário de Pernambuco. Caderno Opinião, 6 de junho. 1980.

GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como símbolos da identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006a.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais. Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes. 2012.

PEREIRA, Amílcar Araújo. *O mundo negro. Relações Raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro, Pallas/Faperj, 2013.

RIAL, Carmem. S. "Jogadores brasileiros na Espanha: estrangeiros, porém..." *Antropologia em Primeira Mão*. N.87, p.1-42, 2006.

SILVA, Roberta Pereira da. *Campo de terra, Campo da Vida: Interfaces das expressões cotidianas, as alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube*. 2017. 1 v. Dissertação (Mestrado) – Curso de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

WOOD, Charles. "Categorias Censitárias e Classificações Subjetivas de Raça no Brasil", in Peggy Lovell (org.), *Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo*. Belo Horizonte, Cedeplar, p. 93-111. 1991.

Fontes:

Pesquisas de Campo produzidas em:

27/08/2011; 30/09/2011; 18/12/2011; 29/06/2013; 12/04/2014 e 26/11/2017.